

# O ESPAÇO DA ESQUERDA

ADRIANO GUERRA

O impulso moderado que move hoje todos os países da Europa central parece se traduzir cada vez mais, não apenas em uma corrida desenfreada e até patética — como no caso daquele casal de octogenários, na Hungria, que recebeu de volta com grande festa o pequeno pedaço de terra confiscado nos anos cinquenta... — no sentido da privatização selvagem e do mito do mercado auto-regulador, mas também em um mergulho na velha Europa do período entre as duas guerras.

Não se trata de um “retorno a Yalta” ou a 45. Estão colocadas ali, ao lado da questão alemã, todas as “questões” que a derrocada dos impérios otomano e habsbúrgico pôs em jogo: a questão da Transilvânia, da Bessarábia e — ainda — da Ucrânia, da Lituânia, dos turcos na Bulgária, dos albaneses na Sérvia. Como deixar de pensar que na Europa central e oriental já se foi muito além da revolução democrática e anti-stalinista que eclodiu com tanto fragor em 1989? Talvez se tenha mesmo encerrado uma fase.

A democracia venceu e não há dúvida de que este é um acontecimento de importância capital. Embora possam ocorrer, aqui e ali, momentos de estagnação e até de recuo, é muito provável que estejamos diante de algo irreversível. Mas como indicação de que uma fase inteiramente nova se abriu, há o fato de que os protagonistas da revolução — os dirigentes das organizações da esquerda radical e democrática aos quais se deve também a derrubada do Muro, os reformadores que, como Pozsgay na Hungria, há poucas semanas ainda pareciam desfrutar do apoio de grande maioria da população — foram derrotados nas urnas.

Sua derrota foi tão grave que torna inteiramente legítima a pergunta sobre o que restará, não apenas nas instituições, mas também na memória da experiência que foi vivida no entanto como o início concreto de uma era da civilização humana numa parte não pequena do mundo.

De vários países chegam testemunhos inquietantes. “O senhor Marx era somente um velho cheio de rancores. Por isso chegou a conceber teorias tão aberrantes. Se tivesse sido um homem alegre e pacífico teria concedido maior espaço à vida humana”. Quem assim fala é Vaclav Havel, hoje presidente da República da Tchecoslováquia. É de se ficar estarrecido diante do que poderia parecer uma manifestação de tosa ignorância.

Mas Vaclav Havel não é um toco ignorante — e o direito de representar seu país ele o conquistou na luta contra o sistema autoritário imposto pelos tanques em 1968. Ele simplesmente viveu em um país em que, em nome de Marx,

se agia para limitar o “espaço à vida humana”.

É assim pois que se fala de Marx nos países do Leste europeu. Isto vale também para a palavra “socialismo”, para a palavra “esquerda”. “Vocês devem compreender — repete à exaustão Adam Michnik a todos aqueles que continuam a lhe perguntar sobre se a Polônia permanecerá ou não “socialista” — que entre nós o socialismo não pode ser visto e percebido como algo diferente do regime que nos propusemos a liquidar...”

Certamente com Havel, que fala das “teorias aberrantes” de Marx, e com Michnik que, ao contrário, tem Marx bem presente quando nos recorda que o comunismo não é um corpo fixo de doutrinas mas o “fazer-se história” destas doutrinas, será necessário manter o diálogo. Começando, porém, por levar em conta os danos enormes, incalculáveis, que nos países do Leste europeu — e não apenas neles — foram infringidos a um complexo de idéias — do socialismo como libertação do homem, como progresso e desenvolvimento social e civilizatório da humanidade — que desde a metade do século passado estão tão integradas no pensamento democrático. E, ainda, para compreender o quanto é absurda e desvirtualizante a utilização — para tentar definir o que está ocorrendo naqueles países — de fórmulas antigas como as que imaginam vias de saída do stalinismo “pela esquerda” e não “pela direita”.

Na verdade, o esquema fascina: no centro está o “sistema do stalinismo” e à sua direita a grande porta da “restauração do capitalismo” com todos os acessórios e conexos, do pluripartidarismo burguês ao mercado. Mas o que há e o que pode haver à esquerda do stalinismo? Talvez os fantasmas evocados há tempos pelas polêmicas chinesas contra Khrushchev, o “revisonismo moderno”, Togliatti e os vários adversários de Kautsky, Bernstein, etc? Hoje, porém, nem mesmo a Rádio Tirana se expressa desse modo.

Falar hoje em saída “pela direita” ou “pela esquerda” do stalinismo significa, de fato, ignorar o aspecto fundamental da revolução em curso: seu caráter democrático de resgate e conquista de valores e regras de jogo que tinham sido não somente vilipendiados mas considerados estranhos e inimigos. É da centralidade da questão democrática, em suma, que é necessário partir. E dado que — como advertiu recentemente Rossana Rossanda — com a democracia “a história recomeça a girar”, é de se esperar que, após o voto emotivo através do qual ainda uma vez a revolução

(\*) Este texto foi publicado originalmente na revista italiana *Rinascita* (nº 10 de 15/4/90), pp. 82-84. Tradução de Giovanni Menegoz e Luiz Arturo Obajes.

matou os seus filhos, “convicções e realidade voltam a se fundar sobre o real”.

Para que se possa chegar a isso — é uma opinião quase geral — será necessário um longo tempo e muito trabalho. Mas, talvez, também esta questão esteja mal colocada porque já hoje há espaço nos países da Europa central e oriental para a presença de uma esquerda forte. E isto porque a vitória das forças moderadas — que na verdade deve ser vista como uma manifestação da tendência a buscar soluções para a crise econômica recorrendo à privatização e à importação mais ou menos selvagem de partes isoladas de “modelos” nascidos em situações inteiramente diferentes — não poderá deixar de acentuar estes impulsos e estas tendências e poderão mesmo surgir conflitos sociais muito graves e onerosos, e ainda assim não se chegar ao tão desejado e rápido saneamento da situação. A idéia de que tudo possa ser resolvido facilmente restituindo ao mercado o lugar que lhe compete acabará por se revelar, ao final, falaciosa. O mesmo vale para a idéia de um retorno tranqüilo e pacífico dos vários países à Europa, quando se trata na verdade de contribuir para inventar uma nova Europa. E isto não é tudo.

A vitória das forças moderadas poderá acentuar ainda mais nos próximos meses os perigosos impulsos nacionalistas já ativos em diversos países e criar, por esta via (pense-se no conflito húngaro-romeno, na Transilvânia, além, naturalmente, dos perigos relativos à afirmação tão impetuosa do processo de unificação da Alemanha), situações conflitivas também graves. Por outro lado, os diversos governos poderão ser induzidos a buscar precisamente nos impulsos nacionalistas os consensos mais amplos de que precisarão para implementar aquela política econômica rigorosa — baseada portanto também em medidas impopulares —, considerada por todos necessária.

Para que a revolução democrática não abra caminho a situações desestabilizadoras, é necessário, portanto, uma forte presença de idéias e políticas de esquerda. Não certamente — e não é demais frisá-lo — para defender este ou aquele aspecto do sistema autoritário do passado, ainda que, como se dirá mais adiante, nem tudo deva ser desmobilizado.

O espaço para uma esquerda nos países da Europa central e oriental não pode ser buscado, enfim, simples e preponderantemente na conflitualidade que tende inevitavelmente a crescer com a ruína das estruturas do socialismo soviético, com as garantias particulares que aquele sistema — com o específico papel atribuído ao Estado patrão, com seu pacto social, com sua particular política de preços, etc. — comportava. Não é de idéias e de políticas de emancipação do século passado que se precisa, mas de um socialismo capaz de enfrentar os problemas que surgem da ruína do sistema internacional do socialismo soviético e capaz de impedir que, pelo caminho da pura e simples rejeição do velho sistema, se volte à velha Europa moderada e conservadora dos nacionalismos opostos.

A nova esquerda que aqueles países necessitam, não deve,

A nova esquerda que aqueles países necessitam, não deve, em suma, ser buscada propriamente nos sindicatos poloneses, até ontem “oficiais” e hoje na oposição, nascidos para contestar o Solidariedade e que descobrem agora a arma da greve, ou nas áreas do justificado protesto popular que os conservadores soviéticos projetam utilizar contra Gorbachov, mas na realidade de muitos velhos e novos protagonistas de um acontecimento realmente sem precedentes.

Seria, enfim, errado se também nós — que isto ocorra sob o estímulo de emoções nos países do Leste não é certamente uma boa razão para seguir seu exemplo — acabássemos esquecendo que a revolução democrática anti-stalinista dos países do Leste é também o resultado de uma história totalmente específica à qual deram vida não apenas os importadores do stalinismo mas também — como recordou, a título de exemplo, G.G. Rusconi, falando da RDA — “milhares de militantes que declararam não querer liquidar os ideais pelos quais trabalharam sinceramente durante estes anos”.

Não se trata somente de ideais. Veja-se o elenco de tudo aquilo que para os dirigentes do Partido Socialista e do Partido Social Democrata da RDA não deve ser desmantelado. Rudolf Dresser, secretário do SPD de Berlim oriental, apresenta o elenco: a propriedade estatal da terra, o instituto da aposentadoria mínima, o salário mensal garantido pelo Estado em caso de desemprego ou de invalidez, o sistema único de seguridade social, o sistema de saúde baseado na rede das atuais policlínicas da RDA. O socialista Modrow, por seu lado, pronuncia-se pela preservação das atuais relações de propriedade.

É portanto impensável que tudo aquilo que é hoje específico dos regimes da Europa central e oriental vá desaparecer de súbito. É indubitável que há aqui motivações e espaços para uma política de esquerda, fundados em velhos ideais do socialismo democrático e, ao mesmo tempo, na crítica mais rigorosa do socialismo soviético, já hoje visíveis — a quem tenha olhos para ver — lá onde das cinzas dos velhos partidos stalinistas nascem formações políticas novas, com novos nomes, novas bandeiras, novos programas, novos posicionamentos internacionais. O fato de que, e sobre questões de grande importância — sobretudo aquelas que dizem respeito à relação democracia-socialismo — estas formações tenham chegado a formular propostas não diferentes daquelas dos partidos de esquerda da Europa ocidental, é testemunho de que talvez esteja nascendo uma visão novamente unitária das lutas pelo progresso em escala mundial.

A crise é tão grande e geral que impõe que sobre questões deste tipo se evite afirmações que possam parecer ou se tornar mero consolo. Seria igualmente grave, porém, afirmando-se ao passado ou em nome de visões apocalípticas sobre o futuro que deveria ser caracterizado pelo declínio fatal de qualquer hipótese de mudança, refutar de pronto a idéia de que novos horizontes estão nascendo, substituindo, como sempre ocorreu, aqueles que entraram em declínio.